

**FRONTEIRAS LINGUÍSTICAS DIATÓPICAS E DIASTRÁTICAS  
NA NARRATIVA DE MIGUEL TORGA:  
ANÁLISE DAS ESTRUTURAS CONVERSACIONAIS COMO AÇÃO SOCIAL  
NAS OBRAS *BICHOS, CONTOS DA MONTANHA* E *NOVOS CONTOS DA  
MONTANHA***

Maria Antonietta ROSSI<sup>31</sup>

**RESUMO**

A presente comunicação visa apresentar uma análise a nível conversacional das estratégias interativas verbais empregadas no tecido narrativo das obras *Contos da Montanha*, *Novos Contos da Montanha* e *Bichos* do autor trasmontano Miguel Torga (1907-1995). Através de uma específica seleção de diálogos, será apresentado o estudo conversacional dos estratagemas comunicativos que os interlocutores põem em prática durante o fenómeno discursivo, dando origem a uma real ação social que permite estabelecer relações interpessoais graças ao emprego de normas de polidez linguística. Sendo os diálogos circunscritos ao contexto situacional/social da região trasmontana do norte de Portugal, o objetivo da comunicação consiste em descrever como as variantes tanto diatópicas como diastráticas, empregadas pelos interatantes do respectivo ambiente rural, representam efetivas fronteiras linguísticas entre o norte e o restante território continental português. De facto, o assim chamado *painel tosco e montanhês* representa um núcleo territorial caracterizado, a nível tanto linguístico como conversacional, pelo emprego de determinados elementos lexicais e estruturas coloquais que são típicas das camadas sociais mais baixas da paisagem de referência e que, inevitavelmente, marcam uma profunda fronteira linguística tanto diatópica como diastrática entre o norte e as outras regiões portuguesas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Fronteira linguística; Variante diatópica; Variante diastrática; Miguel Torga; Análise conversacional.

**1. Introdução**

Miguel Torga (1907-1995), pseudónimo de Adolfo Correia da Rocha, é um notável escritor do século XX que, graças às suas obras em prosa, nos oferece a

---

31 Maria Antonietta Rossi, Docente integrado de Língua e Tradução Portuguesa I e II junto da Libera Università degli Studi Maria SS. Assunta de Roma (LUMSA) e de Língua e Tradução Portuguesa e Brasileira II e III junto da Università degli Studi Internazionali de Roma (UNINT). Itália; Correio eletrónico: [rossi-maria-anto@libero.it](mailto:rossi-maria-anto@libero.it)

possibilidade de analisar a respetiva narrativa através de critérios epistemológicos que ainda não foram aplicados, até hoje, para o exame da linguagem matizada e colorida frequentemente empregada nos próprios trabalhos literários.

Uma vez que a produção em prosa deste autor sempre foi objeto de investigação literária - a nível tanto temático como linguístico pelo cenário montanhês e tradicional onde se desenrola a ação - tendo em forte consideração todos os elementos de exame quanto à estruturação da endogénese textual, este trabalho visa propor uma visão analítica da narrativa de Miguel Torga sob o ponto de vista conversacional, circunstância que faz ressaltar evidentes fronteiras linguísticas tanto diatópicas como diastrásticas que surgem durante as interações dialogais entre as personagens que dominam a diegese das histórias apresentadas.

O objetivo a conseguir tem por fim analisar algumas cadeias conversacionais - extraídas da coletânea *Bichos* (Torga, 1950) e das obras *Contos da Montanha* (Torga, 1941) e *Novos Contos da Montanha* (Torga, 1944) - para destacar, por conseguinte, variantes quer regionais, quer sociais que representam, de facto, verdadeiras fronteiras linguísticas entre as serras transmontanas do Norte de Portugal e o resto do país, sobretudo entre a assim chamada “arraia-miúda”, caracterizada por trabalhadores rurais, e as classes sociais mais altas e cultas que vivem, pelo contrário, nos centros mais urbanos.

A ambientação escolhida pelo autor permite, de facto, conduzir esta tipologia de análise conversacional para destacar ditas fronteiras linguísticas, uma vez que a diegese se desenvolve no meio da pura e verdejante natureza do Norte, caracterizada por searas, vinhas, campos, paisagens bucólicas com rochas e flores onde acionam personagens rurais, que na oralidade se diferenciam em relação às outras classes sociais quer pelas estratégias comunicativas empregadas, quer pelo léxico que conota a linguagem setorial desta zona montanhosa.

De facto, o meio natural e social escolhido, o assim chamado *painel tosco e montanhês* pelo autor no prefácio à terceira edição de *Os Novos Contos da Montanha* (Torga, 1944: 3) constitui a situacionalidade das obras<sup>32</sup>, escolha narrativa que implica, inevitavelmente, o uso de determinadas estratégias conversacionais próprias desta área

---

32 A situacionalidade é um dos sete parâmetros de análise teorizados no âmbito da linguística textual. Para um panorama geral sobre ditos parâmetros cfr. Robert de Beaugrande, Wolfgang Dressler, Introduction to Text Linguistics. Disponível em: [http://www.beaugrande.com/introduction\\_to\\_text\\_linguistics.htm](http://www.beaugrande.com/introduction_to_text_linguistics.htm). Acesso em: 04 de Janeiro de 2016.

territorial (caracterizadas por unidades morfo-sintáticas simples), de estruturas coloquiais empregadas a nível da oralidade, de certas formas de tratamento<sup>33</sup>, de um leque lexical típico da zona da ação diegética, de regionalismos e idiomatismos que têm que ver com o trabalho nos campos e nas vinhas (meio fundamental de subsistência dos protagonistas) e, por fim, de alcunhas e apelativos, hábito vulgar da realidade camponesa.

A situacionalidade trasmontana representa por conseguinte o pano de fundo das obras em prosa, contexto que o próprio autor conhece perfeitamente por causa da sua origem aldeã: crescido nas terras trasmontanas numa família de humildes camponeses, ele sabe descrever de maneira crítica e objetiva a realidade sócio-cultural do norte de Portugal, elogiando o trabalho dos aldeãos que com o próprio precioso labor garantem a produtividade do terreno e o ciclo vital da natureza.

Apesar de ter em conta estruturas estritamente coloquiais, estamos perante a textos que apresentam uma real intencionalidade comunicativa, uma vez que as sequências escolhidas - a analisar no parágrafo seguinte - são, como afirmaria o linguista John Austin (1911-1960) (Austin, 1962), atos ilocutórios e perlocutórios da linguagem: o desempenho verbal de cada enunciado implica, por conseguinte, quer uma intenção que o locutor quer atingir com as estruturas utilizadas, quer efeitos no respetivo interlocutor.

A análise conversacional das estruturas dialogais, escolhidas das obras de Miguel Torga, mostrará como os atos linguísticos visam expressar determinadas intenções que subjazem à realização dos enunciados, alcançando específicos efeitos no interlocutor empregando adequadas estratégias comunicativas relacionadas com os aspectos pragmáticos da linguagem que são culturalmente conotados.

De facto, cada falante utiliza estratagemas - interiorizados na própria memória enciclopédica - que fazem parte da competência comunicativa e textual do locutor para conseguir um determinado fim: este conjunto de estratégias, que os falantes utilizam durante as interações comunicativas, faz parte de conhecimentos e saberes que são partilhados no âmbito da comunidade linguística de referência, fortemente influenciados por determinados esquemas mentais e paradigmas culturais. Isso mostra claramente

---

33 Para um estudo detalhado sobre as formas de tratamento utilizadas por Miguel Torga na obra *Contos da Montanha* cfr. Maria Aldina Marques, Formas de tratamento e construção da relação interpessoal em *Contos da Montanha* de Miguel Torga, in *Revista Galega de Filoloxía*, ISSN 1576-2661, 2010, 11: 61-78. Disponível em: <http://ruc.udc.es/bitstream/2183/8389/1/RGF%2011%20art%202.pdf>. Acesso em: 04 de Janeiro de 2016.

como a língua reflete a cultura do povo que a utiliza como meio de comunicação e as respetivas estruturas sociais: de facto, já o filósofo Wilhelm von Humboldt (1767-1835) afirmava que havia uma forte ligação entre língua e cultura, conceito posteriormente desenvolvido e aprofundado pelos especialistas do setor da Linguística Cognitiva, da Etnolinguística e da Antropologia Linguística. Até o próprio Ferdinand de Saussure (1857-1913) (Saussure, 1916) afirmava que a associação entre o significado e o significante de um signo linguístico é completamente arbitrária, uma vez que cada conceito é expresso com um sinal gráfico e acústico diferente conforme as várias línguas existentes, hipótese que antecipou portanto a teoria da forte relação que existe entre as línguas e as respetivas culturas.

As mais recentes abordagens de análise linguística permitem realizar uma tipologia de investigação conversacional aplicável também ao género textual do discurso literário que, em relação às interações dialogais autênticas (principal objeto de estudo da análise conversacional e comunicativa), é criado de propósito para a diegese narrativa. Os diálogos escolhidos, de facto, mostrarão que se baseiam na pragmática da linguagem em uso na época sócio-cultural de Miguel Torga e no *painel tosco e montanhês* onde se desenrola toda a ficção narrativa.

A análise visa ressaltar as fronteiras linguísticas do corpus escolhido a nível tanto diatópico como diastrático, tendo em conta duas vertentes paralelas: a esfera lexical que marca geograficamente o fenómeno comunicativo e os atos linguísticos formulados entre pares para atingir determinados fins conversacionais.

## **2. O corpus lexical da situacionalidade transmontana**

Tendo em conta os parâmetros de análise escolhidos, nas obras-alvo ressaltam evidentes fronteiras linguísticas diatópicas nas sequências verbais enunciadas pelos interagentes do jogo verbal a nível lexical, circunstância que delimita geograficamente o contexto conversacional da ação ficcional.

De facto, nas cadeias interativas entre as personagens dos contos das três obras analisadas domina uma tipologia de léxico que concerne quer a realidade vital das serras transmontanas, quer os trabalhos rurais dos respetivos aldeãos e, obviamente, o uso pragmático de regionalismos que são empregues principalmente na quotidianidade camponesa do norte de Portugal.

Os termos detetados em fase de investigação abrangem sobretudo quatro campos semânticos principais que se referem (i) à agricultura e aos trabalhos rurais, (ii) à comida tradicional das terras nortenhas, (iii) a palavras coloquiais típicas da oralidade e (iv) à flora e à fauna, elementos, estes, que constituem o pano de fundo da diegese.

A lista dos itens lexicais recolhidos é a seguinte, estruturada conforme os setores conceituais acima referidos:

- (i) **Agricultura e trabalhos rurais:** *adega* (a parte subterrânea da casa onde geralmente se guardava vinho, azeite e várias provisões), *alface*, *almotolia* (recipiente para azeite), *azeite*, *azorrague*, *báttega* (antiga bacia de metal), *bragal* (tecido grosseiro para coser roupa), *camponês*, *cântara* (um espécie de garrafa), *centeio*, *cevada*, *colheita*, *dono*, *eira* (campo de cereais), *gado*, *germinação*, *jumenta*, *lebre*, *milho*, *moinho*, *nabais* (terrenos semeados de nabos), *ovelhas*, *pasto*, *pastor*, *pastorerar*, *recolha*, *rebanho*, *seara*, *semeiar*, *sementeira*, *souto* (plantação de castanheiros), *trigo*, *uvas*, *vindimador*;
- (ii) **Comida regional:** *broa* (o famoso pão de milho), *cachopa* (casta de uva da zona do Douro), *cavacas* (doce típico do norte), *fanel* (comida a levar para as refeições a fazer durante o trabalho no campo), *moscatel*, *panasco* (regionalismo para indicar um terreno pantanoso onde cresce erva);
- (iii) **Termos coloquiais:** *abafador* (no sentido coloquial de ladrão), *chanatos* (regionalismo para indicar os cigarros), *pichorra* (regionalismo para indicar um recipiente de barro), *redil* (a casa paterna);
- (iv) **Flora e fauna:** *barranco*, *carvalhada*, *castanheiro*, *cava*, *codorniz*, *corcova* (caminho tortuoso), *ermida*, *giestal* (conjunto de plantas que crescem sobretudo no norte), *mata*, *matagal* (bosque extenso), *musgo*, *pardal*, *penedo*, *pinhal*, *pintassilgo*, *planalto*, *planície*, *quinteiro*, *ribeiro* (um rio pequeno), *raposa*, *serra*, *valado*.

O leque lexical escolhido pelo autor, por conseguinte, representa uma real variante linguística diatópica, uma vez que conota a nível regional a fala interacional dos personagens das obras analisadas.

### **3. O corpus conversacional: análise das estratégias comunicativas no discurso literário**

As obras escolhidas para a análise conversacional dos enunciados estruturados pelo autor representam um real exemplo da comunicação autêntica da fala transmontana, uma vez que os interlocutores empregam estratégias comunicativas relacionadas quer com a situacionalidade da diegese, quer com a camada social rural à qual os mesmos pertencem.

Apesar da conotação literária e não propriamente espontânea dos atos linguísticos recriados por Miguel Torga, os diálogos entre os interagentes resultam muito parecidos à atividade comunicativa humana que se baseia numa série de regras estruturais transmitidas por esquemas culturais que partilham os falantes de uma determinada comunidade linguística. De facto, a cadeia interacional resulta tão espontânea e rápida como aquela que acontece nos contextos conversacionais da vida real.

Para atingir este objetivo, o autor elabora os diálogos entre os personagens transmontanos reproduzindo de maneira mais fidedigna possível os enunciados verbais quer através do uso literário da linguagem coloquial entre pares (ou seja os interlocutores que pertencem ao mesmo grupo social), quer através do emprego de (a) atos linguísticos expressivos, do (b) par adjacente pergunta/resposta e de (c) sequências narrativas orais que caracterizam fortemente qualquer tipologia de atividade comunicativa.

Para demonstrar como o autor quer reproduzir fielmente a oralidade da realidade camponesa do norte, apresentamos alguns exemplos, tirados das obras mencionadas no parágrafo anterior, que mostram claramente o uso da linguagem coloquial:

- 1) «Muda de vida, homem! Essa **excomungada** leva-te à sepultura!» (Bichos, p.14);
- 2) «**Com trinta milheiros de diabos!** Tu onde arranjaste tanta coragem, rapaz? **Filho de quem o pariu!** Olhe o que ele fez!» (Contos da Montanha, p. 46);
- 3) «**Ó meu leproso** dos infernos! Olha que eu atiro-te o cesto ao focinho!» (Novos Contos da Montanha, p. 29).

As palavras evidenciadas em negrito mostram claramente expressões e termos empregados apenas na linguagem coloquial entre pares, quer dizer entre interlocutores

que pertencem ao mesmo nível social, uma vez que não há uma distância diastrática entre os participantes do rumo discursivo. Além disso, podemos ver no exemplo n. 3 um evidente caso de impolidez linguística, uma vez que o interlocutor estrutura o enunciado direto de maneira a ofender o destinatário ameaçando, desta maneira, a respetiva «imagem» ou «face» positiva, circunstância que mostra como na linguagem coloquial não sempre os interagentes respeitam o uso da cortesia conversacional dado que os interlocutores pertencem à mesma camada social.

Além disso, o autor utiliza também muitos idiomatismos relacionados com o ambiente rural das personagens protagonistas e que caracterizam ainda mais as variantes linguísticas tanto diatópicas como diastráticas nas próprias obras em prosa. Os exemplos extraídos dos textos analisados são os seguintes:

- “Casamento e mortalha no céu se talha”;
- “De rabo entre as pernas”;
- “Águas passadas não tocam moinho”;
- “Acabar tudo em águas de bacalhau”;
- “Fazer das tripas coração”;
- “Fresco como um alface”;
- “Vem a talho de foice”;
- “Tremer como varas verdes”;
- “Meter a foice em seara alheia”.

Outra característica fundamental da linguagem e dos enunciados analisados é o emprego de apelativos e alcunhas que recorrem frequentemente na comunicação entre pares. Miguel Torga, de facto, mostra-se muito criativo neste sentido, uma vez que a própria origem transmontana lhe permite utilizar a língua de maneira dinâmica e verosímil como na oralidade autêntica.

Os exemplos mais significativos que fazem parte do corpus selecionado são os seguintes:

- Que fazes tu ao gado, **criatura**? Parece que o enfeitiças!
- **Ó ti** Januário, bem haja! Bem haja!
- Você que tem, **ti** Joana? Anda tão desolhada!...
- Não dás um ramo, **ó Coiso**?
- Cale-te **filho**. O que lá vai, lá vai...

- Nero! Nero! Anda cá, **meu palerma!**
- Namorava então a **Boneca**, uma **gatinha borralheira** de a gente se perder.

Os termos assinalados em negrito evidenciam a atitude conversacional típica da oralidade entre os interlocutores da mesma comunidade de pertença, onde a paridade social entre os interlocutores permite o uso de apelativos e alcunhas que caracterizam o rumo discurso da fala coloquial.

De facto, como afirma o linguista Gumperz (Gumperz, 1989), a comunicação é uma actividade de tipologia social, uma vez que acontece dentro de um determinado ambiente culturalmente institucionalizado. A interação comunicativa humana implica, portanto, a participação de um ou mais indivíduos, os quais negociam significados através de um esforço verbal e interpretativo coordenado, que pressupõe, portanto, a aplicação de estratégias conversacionais que fazem parte da bagagem cultural de cada interagente. Para que o fenómeno comunicativo tenha sucesso, os interlocutores precisam de aplicar competências tanto linguísticas como comunicativas, que permitem a transmissão e a respetiva descodificação da mensagem para atingir determinados objetivos conversacionais. A comunicação baseia-se portanto na *joint production* - produção conjunta - uma vez que os participantes devem cooperar ativamente e interagir verbalmente para que a comunicação tenha êxito, dando origem a uma verdadeira comunhão fática (Tannen, 1996).

Também o filósofo russo Bakhtin analisou como o fator da condição social de cada falante influencia a respetiva produção dos atos de fala, circunstância que ele sintetiza com o conceito de *Heteroglossia*, ou seja a diversidade social que se manifesta na linguagem empregada pelos interagentes durante uma atividade conversacional. Esta diversidade linguística é devida, portanto, a determinados fatores sociais como a profissão, a idade, o sexo, o grupo de pertença e as personalidades individuais (Bakhtin, 1986).

A linguagem empregada nos enunciados entre pares representa portanto um produto social, uma vez que expressões coloquiais, idiomatismos, léxico, apelativos e alcunhas caracterizam a conversação entre pares dos protagonistas transmontanos, pondo em relevo variantes tanto diatópicas como diastráticas.

Pelo contrário, quando as personagens da arraia-miúda estabelecem contatos verbais com interlocutores de classes sociais mais cultas e institucionalmente superiores (tal como padres, juizes e médicos), os atos de fala e as estratégias comunicativas

empregadas fazem sobressair a distância social que domina entre os interagentes, circunstância onde surgem evidentes fronteiras linguísticas a nível diastrático.

Apresentamos portanto um exemplo extraído dos *Contos da Montanha*, que mostra um diálogo entre um habitante rural e um padre cujas estratégias fazem sobressair a distância social que recorre entre os dois interlocutores:

O padre era o pároco do Vilarinho (localidade do Norte). E sempre que Firmo vinha à terra (emigrante para o Brasil) e acordava da primeira noite dormida com a mulher, lá estava ele à entrada da porta com a sua batina rota e o seu cachaço de cavador:

- **Dás** licença, Firmo?

- **Faça** favor de entrar, senhor padre João.

- Então **tu não terás** mais juízo, **homem de Deus!** **Tu não verás** que tens aqui um rebanho de filhos?

O diálogo apresentado mostra claramente a distância social que intercorre entre os dois interlocutores através dos seguintes estratagemas conversacionais:

- (i) **Formas de tratamento:** O padre trata por “tu” Firmo para garantir a própria superioridade institucional, enquanto o interlocutor emprega estratagemas de polidez conversacional utilizando quer a terceira pessoa do singular, quer o apelativo “Senhor Padre”, facto que confirma a diferença de classe social que existe entre os dois interagentes;
- (ii) **Ato de fala declarativo assertivo** por parte do padre, utilizado para expressar a própria autoridade com o propósito comunicativo de julgar a atitude pouco responsável do Firmo em relação aos filhos e à mulher;
- (iii) **Ato de fala ilocutório diretivo** por parte de Firmo, enunciado empregado para convidar o padre a entrar em casa respeitando a superioridade social dele e mostrando o consenso perante as respetivas reações.

Através dos atos comunicativos expressivos, as personagens expressam clara e diretamente os próprios sentimentos e emoções em relação aos acontecimentos relatados durante a cadeia interacional, empregando estratégias que são socialmente aceites e partilhadas.

Sob este ponto de vista, Miguel Torga estrutura os diálogos de molde a representar fielmente a situação comunicativa transmontana, utilizando, por exemplo, repetições, hesitações e interrupções que revelam claramente o carácter coordenativo do fenómeno comunicativo e o envolvimento dinâmico quer do locutor, quer do alocutário,

durante a interação: estes elementos escolhidos pelo autor representam o real envolvimento conversacional de cada personagem, ou seja a participação verbalmente ativa do indivíduo durante uma interação, facto que permite a construção coordenada e colaborativa da endogénese do discurso. O emprego de sobreposições, repetições e de estratégias de descodificação de sentidos implícitos (processo cognitivo conhecido neste âmbito como *inferência*) mostram o papel ativo do alocutário e o respetivo envolvimento conversacional durante a cadeia interacional.

Apresentamos outro diálogo que recorre entre um camponês e um médico, extraído dos *Novos Contos da Montanha*, cujos atos linguísticos expressivos mostram novamente a distância social que existe entre os dois interlocutores:

Estava fraco e maltrapilho. Mas, com as fracas forças e a fraca roupa, lá se arrastou a Sanfins (localidade do Norte) e bateu à porta do doutor, que o atendeu da janela.

- **Queria** consultar **vossa senhoria**...
- Muito bem, desço já.
- Antes mesmo de se queixar, leu a sentença nos olhos arregalados e perscrutadores do médico.
- Onde é **você**?
- De Loivos.
- É curioso que nunca lá vi casos destes... Há quanto tempo isto **lhe apareceu**?
- Sempre é lepra?
- Pois é, é .... Infelizmente, é.

As estratégias conversacionais que evidenciam as variantes diastráticas entre o paciente e o médico estão relacionadas com a escolha interativa de:

- (i) **Formas de tratamento**, diferenciadas conforme o locutor que toma o turno de fala. De facto, para evidenciar a distância social entre os participantes, o camponês trata o médico utilizando a terceira pessoa do singular, utilizando quer o Imperfeito de Cortesia (**Queria**), quer o apelativo **Vossa Senhoria**, estratégia interativo de polidez linguística que vai confirmar a diferença de classe social entre os dois interatantes e a superioridade institucional do interlocutor. O médico, para manter verbalmente esta distância entre os dois, trata o doente por “**você**”, fortalecendo, desta maneira, o próprio papel de graduação elevada;
- (ii) **Atos de fala baseados no par adjacente pergunta/resposta**, ou seja enunciados baseados numa sequência conversacional caracterizada por

perguntas diretas formuladas pelo médico de maneira que o paciente possa responder imediatamente e estabelecer, assim, uma diagnose;

- (iii) **Ato de fala ilocutório expressivo** pronunciado por parte do médico (**Pois é, é .... Infelizmente, é**), através do qual o locutor expressa tristeza e descontentamento em relação à doença do interlocutor, mas mantendo constantemente a devida distância quer profissional, quer social.

Neste excerto, Miguel Torga emprega outra estratégia comunicativa que se fundamenta no emprego do par adjacente pergunta/resposta - unidade conversacional prototípica da interação verbal - para reproduzir fielmente a fala transmontana recriando portanto a realização real dos turnos de fala, a ordenação das sequências enunciativas e a apresentação das informações ao leitor.

De facto, segundo Larochebouvy, a pergunta constitui a estratégia comunicativa mais direta que o locutor disponibiliza como instrumento de apelo à comunicação e é, ao mesmo tempo, um meio discursivo que determina sem ambiguidade a passagem dos turnos conversacionais (Larochebouvy, 1984), cuja estrutura é denominada *footing* pelo estudioso Goffman. Durante o rumo discursivo cada participante “alinha” o próprio “eu” à tipologia de discurso, de alocutário e de situação contextual, elementos que caracterizam portanto o desenvolvimento do fenómeno comunicativo quer entre pares, quer entre interlocutores pertencentes a diferentes camadas sociais (Goffman, 1959).

A estratégia do par adjacente caracteriza por conseguinte o rumo discursivo e o fluxo temático de cada conversação, que se desenvolve num espaço interacional onde os participantes utilizam e partilham o uso de um estilo linguístico sobretudo informal, coloquial e familiar que revela também o estado emocional dos interlocutores envolvidos: como diria a investigadora Joanna Thornborrow (Thornborrow, 1998), estamos perante o fenómeno do *authentic talk*.

Outro estratagema conversacional, frequentemente empregado por Miguel Torga em quase todos os diálogos para relatar eventos passados acontecidos, é a formulação de sequências narrativas orais, quer dizer atos de fala que referem, por ordem cronológica, os acontecimentos principais que ocorrem no ambiente da arraia-miúda transmontana. Nesta tipologia de discurso desempenha um papel fundamental o processo cognitivo da inferência, estratégia hermenêutica que permite perceber o significado de elementos implícitos durante o ato de fala, sobretudo durante a estruturação de sequências

narrativas, cujo contexto de referência é imprescindível conhecer para descodificar as mensagens transmitidas (Grice, 1975).

Segundo Kerbrat-Orecchioni, de facto, os pressupostos são fundamentais para esta tipologia de enunciados, uma vez que todas as informações que o interlocutor recebe devem ser interpretadas fazendo referência aos conhecimentos prévios que o locutor não expressa de maneira direta e explícita, como pressupõe que o destinatário da mensagem já possui este tipo de notícias (entre em jogo, portanto, a assim chamada *competência inferencial*), obviamente partilhadas pelo participantes da interacção verbal mas que não estão vinculadas ao contexto de enunciação (Kerbrat-Orecchioni, 1986).

Outro aspeto essencial que surge na atividade interativa dos personagens das obras de Miguel Torga é o emprego de estratégias para não pôr em risco durante a comunicação a face positiva do próprio interlocutor, evitando produzir atos de fala demasiado agressivos que possam ameaçar a imagem pública do alocutário. Aplicando esta estratégia, acima analisada, o locutor evita produzir um ato directo de refutação ou de confutação que evidenciaria a falsidade do enunciado emitido pelo alocutário, optando portanto por um ato de fala indirecto, como uma intervenção-réplica que desempenha assim o papel de retificação (Goffman, 1959).

Segundo o princípio da cortesia, de facto, é necessário produzir enunciados que não prejudiquem a face e a imagem pública que cada falante quer preservar durante a interacção verbal: a este propósito, os interlocutores deveriam produzir atos de fala indirectos para não resultar demasiado agressivos ou sequências irónicas/humorísticas para estabelecer uma relação interpessoal com o próprio alocutário, suscitando determinados estados emocionais e psicológicos favoráveis ao desenvolvimento da interacção verbal (Mariottini, 2007).

O emprego da ironia, que surge também nos excertos do corpus apresentados, é uma figura de estilo que é atualmente analisada amplamente no âmbito da ciência cognitiva e da psicolinguística para examinar os processos cognitivos que se ativam quando um falante escolhe e põe em prática esta estratégia retórica para conseguir determinados fins comunicativos durante o rumo discursivo. Este estratagema comunicativo é utilizado para criar, por conseguinte, especiais efeitos retóricos com o propósito de persuadir e convencer o respetivo interlocutor ou de produzir determinados efeitos emocionais: perceber o uso irónico das palavras implica portanto um processo cognitivo bastante complexo, uma vez que requer um determinado mecanismo de descodificação da mensagem produzida pelo locutor para perceber a real intenção

comunicativa, associando também um significado às expressões faciais e ao tom de voz empregado (Searle, 1983).

#### **4. Conclusões**

Em jeito de conclusão, podemos afirmar que as obras de Miguel Torga oferecem um bom exemplo para conduzir análises de tipologia conversacional, uma vez que a ambientação da diegese implica a escolha narrativa de estratégias comunicativas que evidenciam fronteiras linguísticas tanto diatópicas como diastráticas entre diferentes camadas sociais da zona transmontana por um lado e, por outro, com os restantes grupos de falantes das outras regiões de Portugal.

Esta tipologia de investigação, conduzida a partir do discurso literário, poderia ser incluído também no âmbito da socioterminologia, uma abordagem científica que visa analisar e descrever a estrita relação que existe entre a tipologia de discurso linguístico empregue pelos falantes de uma determinada comunidade e a respetiva sociedade onde se desenvolve o fenómeno comunicativo, caracterizado, portanto, por evidentes variantes diastráticas.

#### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- Austin, John Langshaw. 1962. *How To Do Things With Words*. Oxford: Clarendon Press.
- Bakhtin, Mikhail. 1986. *Speech Genres and Other Late Essays*. Austin, Texas: University of Texas Press.
- Bilmes, Jack. 1988. *Category and rule in Conversation Analysis*. IPrA Papers in Pragmatics 2, 1-2, pp. 25-59.
- Goffman, Erving, 1959. *The Presentation of Self in Everyday Life*. Garden City, New York: Doubleday.
- Grice, Paul. 1975. *Logic and conversation*. In Cole, Peter, Morgan, Jerry, *Syntax and semantics*, v. 3 (Speech acts). New York/London: Academic Press, pp. 41-58.
- Gumperz, John. 1989, *Sociolinguistique interactionnelle. Une approche interprétative*. L'Harmattan: La Réunion.
- Kerbrat-Orecchioni, Catherine. 1986. *L'implicite*, Paris: Armand Colin.
- Larochebouvy, Danielle. 1984. *Introduction à l'analyse sémio-linguistique de la conversation*. Paris: Didier.

Mariottini, Laura. 2007. *La cortesia*. Roma: Carocci.

Searle, John. 1983. *Intentionality. An essay in the philosophy of mind*. Cambridge: Cambridge University press.

Thornborrow, Joanna, Wareing, Shân. 1998. *Patterns in Language: An Introduction to Language and Literary Style*. London: Routledge.

Thornborrow, Joanna. 2002. *Power Talk: Language and Interaction in Institutional Discourse*. London: Longman, Pearson Education.

Thornborrow, Joanna, Coates, Jennifer (eds.). 2005. *The Sociolinguistics of Narrative*, Amsterdam: John Benjamins.

Torga, Miguel. 1940. *Bichos*. Coimbra: Tip. Atlântida.

Torga, Miguel. 1955. *Contos da montanha*. 2<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Irmãos Pangetti.

Torga, Miguel. 1944. *Novos contos da montanha*. Coimbra: Coimbra Editora.

Tunnen Deborah. 1989. *Talking Voices: Repetition, dialogue, and imagery in conversational discourse*. Cambridge: Cambridge University Press.

Tunnen, Deborah. 1996. *Gender and Discourse*. Oxford: Oxford University Press.